

# O Auge do Pensamento Clássico I - Platão

João Pedro Ricaldes dos Santos

Platão (428 – 347 a.C) é o primeiro sistematizador da filosofia. Retomou todos os temas de seus predecessores, reformulando-os em novos temas: o princípio do mundo, a pluralidade e unidade, a exigência lógica, o pitagorismo e os valores humanos de Sócrates. Praticamente tudo o que é formulado na filosofia após Platão tem origem nele, a tal ponto que o filósofo inglês Alfred N. Whitehead afirmou no século XX que toda a filosofia é uma sucessão de notas de rodapé de Platão.

Platão nasceu durante a Guerra do Peloponeso (431-404). Presencia, portanto, a decadência política e moral de Atenas, que “degenerava de injustiça em injustiça” na corrupção dos costumes. Desiludido, especialmente após a morte de Sócrates (399), abandona a política e dedica-se só à filosofia. Compra uma propriedade nos arredores de Atenas (A Academos) e funda uma escola em 387 a.C. Trata-se menos de uma escola formal que uma espécie de irmandade onde se discute livremente todos os temas. Na entrada está escrito: “não entre quem não sabe geometria”.

A visão de mundo de Platão baseia-se na chamada Teoria das Ideias. As aparências constituem o mundo dos sentidos em que tudo é instável, variável e dependente do ponto de vista de cada um (como para os sofistas).

É possível ultrapassar o nível da opinião? Sim, desde que para além das aparências haja essências. A geometria prova que existem: as figuras perfeitas não existem no mundo sensível, só no mundo intelectual, no entanto existem. Como também existe a essência do cavalo, do triângulo e da justiça; essências que podem ser reconhecidas intuitivamente.

Platão chama as essências de Ideias ou forma. A pluralidade das coisas é própria do mundo sensível. A ideia ao contrário é eterna e imutável.

Portanto, o mundo inteligível existe de forma anterior e real em relação ao mundo sensível e aparente.

Os dois mundos, porém, não estão separados, pois as coisas sensíveis imitam as ideias que lhes correspondem, do mesmo modo que um pintor imita a natureza. Ocorre que as coisas sensíveis são sempre imperfeitas, daí o fato de o mundo ser variado e em mutação.

Mas é também por esta relação de imitação que é possível ao homem conhecer. “A alma possui esta capacidade de reconhecer as ideias porque também participa do mundo inteligível – e não do sensível – pois ela é imaterial, incorpórea e impalpável, constituindo um elo de ligação que ainda temos como o mundo das ideias”. Para Platão conhecer é reconhecer ou “lembrar-se” das ideias que foram contempladas pela alma, mas esquecidas por causa do apego do corpo às coisas sensíveis

Platão acrescenta ainda que o despertar para o conhecimento é o **Amor**. Inicialmente o amor é carnal e deseja um corpo belo, mas aos poucos deseja a própria Beleza, não havendo nada mais belo que a Verdade. Na **Alegoria da Caverna** Platão demonstra que conhecer é conhecer o Bem, a ideia suprema que ilumina as demais ideias, como o Sol, tornando-as compreensíveis. Conhecer o Bem significa que finalmente é possível organizar a cidade, tendo a Verdade como base.

## O Auge do Pensamento Clássico II - Aristóteles

João Pedro Ricaldes dos Santos

**Aristóteles ( 384 – 322) teve grande influência na história da filosofia: a versão cristã do pensamento de Aristóteles no final da Idade Média torna-se oficial na Igreja; a ciência nasce no Renascimento em oposição a Aristóteles; Kant, Hegel e Marx o tomam como fonte de inspiração. Simplificadamente muitos o opõem a Platão e à ciência**

**Aristóteles** nasceu na Calcídia, já sob domínio dos macedônios. Seu pai, Nicômano, foi médico da corte de Felipe e ele próprio o preceptor de Alexandre, entre 343 e 340 a. C.. Foi discípulo destacado da Academia de Platão, onde estudou de 366 a. C. até a morte do mestre em 347 a. C. Quando Alexandre sucede o pai e consolida o Império, Aristóteles volta a Atenas e funda sua escola, o Liceu, voltado às ciências naturais.

Após a morte de Alexandre, em 323, Aristóteles é levado a julgamento em Atenas, mas ao ser condenado prefere não seguir o exemplo de Sócrates. Exilado morre no ano seguinte.

Aristóteles não despreza, com seu mestre, a observação do mundo sensível. Para ele, o mundo inteligível do qual fala seu mestre apenas explica a imperfeição do mundo sensível, sendo portanto incapaz de explicar o universo dos sentidos, a diversidade e o movimento. Portanto, resta ao conhecimento ser conhecimento justamente do mundo sensível. Assim, “Aristóteles procura salvar o platonismo, depurando-o dos aspectos incongruentes e fazendo-o descer ao mundo sensível, o que Platão raramente fazia por considerá-lo aparência”<sup>1</sup>

O ponto de partida, portanto, se constitui nos sentidos que captam as coisas individuais: a percepção concebe imagens correspondentes a estes objetos (cavalos).

O intelecto separa estas imagens em aspectos acidentais (tamanho, cor) e essenciais; o resultado é o conceito (de cavalo); a abstração prossegue até produzir, por meio de sucessivas classificações conceitos universais (cavalos, homens, pássaros = animal).

Portanto, o conhecimento é este processo pelo qual o intelecto produz conceitos universais, que ao contrário de Platão, não existem separadamente dos objetos.

A teoria do movimento é a principal contribuição de Aristóteles para história da filosofia. A percepção mostra que tudo se transforma continuamente. Aristóteles explica o movimento pelo conceito de Ato e de Potência.

Ato = estado atual do ser.

Potência = aquilo em que se transforma, sem perder sua essência.

Movimento = passagem da Potência em Ato, ou atualização das potencialidades.

Todo movimento possui quatro causas: causa material: a matéria do que o objeto é feito (madeira); causa formal: nova forma desta matéria (mesa); causa eficiente ou motriz: unifica forma e matéria (o artesão); causa final: objetivo do movimento (usar ou vender a mesa). É a causa mais importante, o sentido de todo o movimento.

Mas deve haver a causa de tudo, a Causa Primeira: se tudo tem uma causa, é necessário imaginar uma causa primeira que dá início ao ciclo infundável do movimento ato-potência-ato. Por ser a primeira não foi causada, o que significa que não se move, é imutável. Se não se move, não tem potência, que a levaria a um movimento. Não pode

<sup>1</sup> Abrão, Bernadete Siqueira (org). História da Filosofia, Ed Nova Cultural, SP, 2004, página 55.

ser material, pois toda matéria é um momento do movimento ato-potência-ato, e só existe em uma forma, o que significa que uma causa eficiente uniu forma e matéria. Portanto é forma pura. Assim seus atributos são: imóvel, ato puro, forma pura, sem potência e que pôs tudo em movimento. É o motor imóvel.

Assim, da teoria platônica das ideias, Aristóteles conserva uma única "Ideia" (forma ou essência ou modelo) separada do mundo sensível. Essa ideia ou forma é o motor imóvel ou Deus. Mas o deus de Aristóteles não cria o mundo nem interfere no mundo. O deus de Aristóteles em quase nada se assemelha ao deus do cristianismo, apesar do esforço dos seus teóricos.

"Esse deus incomum e alheio é a finalidade suprema no mundo. Sendo imóvel e bastando a si mesmo, ele não se aproxima das coisas, não Ama o mundo, o mundo é que o busca, que o Ama. Todo movimento tem por fim último o repouso: a pedra que cai, a fumaça que sobe, os animais que se reproduzem para eternizar a espécie. Deus é o eterno repouso. O sentido último do movimento é a imobilidade. O mundo, imperfeito que é, vive na busca deste repouso, mas jamais alcança a plena perfeição e recomeça seu eterno ciclo de movimento"<sup>2</sup>

Para Aristóteles as formas são inerentes às coisas, diferente das ideias de Platão. Elas é que dão existência efetiva às coisas (a forma mesa da madeira; a forma árvore da madeira, a forma semente da madeira). Elas podem ser formas acidentais (Pedro sentado) ou formas substanciais (Pedro homem). A forma substancial indica a essência das coisas. A mudança ou movimento é o modo pelo qual uma substância supre uma privação anterior para assumir a forma atual (homem que aprendeu a gramática e antes não a sabia)

Aristóteles também se destaca na Lógica: como o conhecimento expressa-se por palavras elas devem primeiro serem analisadas, pois a análise da linguagem é anterior ao próprio conhecimento. Aristóteles classifica as palavras como substância (sujeito) e categorias de quantidade, qualidade e lugar (predicados).

Também classifica os tipos de afirmações ou proposições: a universal (todos os homens são iguais); a particular (alguns homens são bons) e a singular (Platão é o autor da República).

Não basta classificar os tipos de proposição. Elas têm que ser claras e para isso seguir certas regras. A primeira delas diz que uma afirmação não pode contrariar a si mesma. Regidas pelo princípio da não-contradição, as proposições vão formando conhecimentos encadeados segundo a regra do silogismo, que diz que de duas proposições cuja verdade é conhecida obtém-se uma terceira também verdadeira.

---

<sup>2</sup> Abrão, Bernadete Siqueira (org). História da Filosofia, Ed Nova Cultural, SP, 2004, página 59

# A Ética e os gregos

João Pedro Ricaldes

Sócrates (469-399 a.C), Platão (427-347 a. C) e Aristóteles (384-322 a.C) inauguram o campo da Ética no pensamento filosófico. A preocupação de Sócrates, como educador, não era a retórica (como os sofistas), mas despertar e estimular o impulso para a busca pessoal da verdade. Para Platão a educação (a “arte da conversão”) tem como tarefa passar gradativamente da percepção ilusória dos sentidos para a contemplação da realidade pura. Aristóteles prega o domínio da razão sobre o comportamento como meta do conhecimento e da educação.

## As questões de Sócrates

Sócrates, o incansável perguntador Percorrendo praças e ruas de Atenas - contam Platão e Aristóteles -, Sócrates perguntava aos atenienses, fossem jovens ou velhos, o que eram os valores nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir. As perguntas socráticas terminavam sempre por revelar que os atenienses respondiam sem pensar no que diziam. Repetiam o que lhes fora ensinado desde a infância.

“Ao indagar o que são a virtude e o bem, Sócrates realiza, na verdade, duas interrogações. Por um lado, interroga a sociedade para saber se o que ela costuma considerar virtuoso e bom corresponde efetivamente à virtude e ao bem; e, por outro, interroga os indivíduos para saber se, ao agirem, possuem efetivamente consciência do significado e da finalidade de suas ações, se seu caráter ou sua índole são virtuosos e bons realmente. A indagação ética socrática dirige-se, portanto, à sociedade e ao indivíduo” (Chauí, Marilena. Convite a Filosofia, Atica, 2005, pag 181)

## O homem virtuoso para Platão

“Para Platão, os seres humanos e a pólis possuem a mesma estrutura. Os humanos são dotados de três almas ou três princípios de atividade: a alma concupiscente ou desejante (situada nas entranhas ou no baixo-ventre), que busca satisfação dos apetites do corpo,

tanto os necessários à sobrevivência como os que, simplesmente, causam prazer; a alma irascível ou colérica (situada no peito ou no coração), que defende o corpo contra as agressões do meio ambiente e de outros humanos, reagindo à dor na proteção de nossa vida; e a alma racional ou intelectual (situada na cabeça), que se dedica ao conhecimento. O homem justo é aquele cuja alma racional é mais forte do que as outras duas, impondo à desejante a virtude da moderação e à colérica a virtude da coragem.” (Chauí, Marilena. Convite a Filosofia, Atica, 2005, pag 209)

Da mesma forma a Polis possui três classes: a classe econômica, constituída pelos produtores, artesãos e proprietários de terras. É aquela que garante a sobrevivência da Polis; a classe guerreira, constituída pelos militares, que garante a defesa da Polis; a classe dos magistrados, dos funcionários do Estado, que garante o governo sob as leis

A cidade justa é aquela que é governada por um Filósofo, defendida pelos militares e sustentada pela classe econômica. A cidade injusta será governada pelos proprietários – que não pensarão no bem comum da polis e lutarão por interesses econômicos particulares – ou pelos militares – que mergulharão a cidade em guerras para satisfazer seus desejos particulares de honra e glória.

### As virtudes de Aristóteles

Aristóteles acrescenta à consciência moral, trazida por Sócrates, a vontade guiada pela razão como o outro elemento fundamental da vida ética. A importância dada por Aristóteles à deliberação e à escolha o levou a considerar, entre todas as virtudes, um a delas como condição de todas as outras e presente em todas elas: a prudência ou sabedoria prática.

O prudente é aquele que, em todas as situações, é capaz de julgar e avaliar qual a atitude e qual a ação que melhor realizarão a finalidade ética, ou seja, entre as várias escolhas possíveis, qual a mais adequada para que o agente seja virtuoso e realize o que é bom para si e para os outros.

Se tomarmos a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, nela encontraremos a síntese das virtudes que constituíam a excelência e a moralidade gregas durante o tempo da Grécia clássica. Nessa obra, Aristóteles distingue vícios e virtudes pelo critério do excesso, da falta e da moderação: um vício é um sentimento ou uma conduta excessivos, ou, ao contrário, uma virtude é um sentimento ou uma conduta moderados. Resumidamente, eis o quadro aristotélico:

Virtude	Vício	
	Por excesso	Por falta
Coragem	Temeridade	Covardia
Temperança	Libertinagem	Insensibilidade
Liberalidade	Prodigalidade	Avareza
Respeito próprio	Vulgaridade	Vileza
Magnificência	Vaidade	Modéstia
Gentileza	Irascibilidade	Indiferença
Agudeza de espírito	Zombaria	Grosseria
Justa indignação	Inveja	Malevolência

### O legado dos antigos

“Os filósofos antigos (gregos e romanos) consideravam a vida ética transcorrendo como um embate contínuo entre nossos apetites e desejos - as paixões - e nossa razão. Por natureza, somos passionais e a tarefa primeira da ética é a educação de nosso caráter ou de nossa natureza para seguirmos a orientação da razão. A vontade possuía um lugar fundamental nessa educação, pois era ela que deveria ser fortalecida para permitir que a razão controlasse e dominasse as paixões. O passional é aquele que se deixa arrastar por tudo quanto satisfaça imediatamente seus apetites e desejos, tornando-se escravo deles. Desconhece a moderação, busca tudo imoderadamente, acabando vítima de si mesmo.” ((Chauí, Marilena. *Convite a Filosofia*, Atica, 2005, pag 184)

“Os gregos realizaram a síntese entre educação e cultura: deram enorme valor à arte, à literatura, às ciências e à filosofia. A educação do homem integral consistia na formação do corpo pela ginástica na da mente pela filosofia e pelas ciências e na da moral e dos sentimentos pela música e pelas artes (...) Esses ideais eram reservados aos homens livres. Na Grécia havia 17 escravos para cada homem livre. E ser livre significava não ter preocupações materiais, ou com comércio e a guerra – reservados às classes inferiores. O caráter de classe da educação grega aparecia na exigência de que o ensino estimulasse a competição, as virtudes guerreiras, para assegurar a superioridade militar sobre as classes submetidas e as regiões” (Gadotti, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. Atica, 2001, pag 29-30)

## Texto Complementar

### Os tipos de caráter de Aristóteles\*

Aristóteles nos deu uma categorização lógica de quatro tipos de caráter. Falando de um modo geral e deixando de lado os dois tipos extremos que são o caráter superhumano e o do bestial, temos o virtuoso, o continente, o incontinente e o vicioso. Para compreendermos melhor cada tipo, vamos contrastá-los em termos de como cada caráter se manifesta em ações, decisões e desejos. Devemos também considerar uma situação como exemplo e ver como cada um reagiria a ela. Suponha que uma pessoa, a quem chamaremos de "Lisa", estivesse andando na rua e encontrasse uma carteira com uma considerável quantia em dinheiro. Se Lisa fosse virtuosa, ela não só tomaria a decisão de entregar a carteira às autoridades competentes, mas ainda se sentiria bem em fazer isso. Os desejos de Lisa estariam em harmonia com a correta ação e decisão.

Considere agora Lenny, que é continente: se Lenny achasse a carteira, ele tomaria a decisão certa - devolver a carteira intacta - e seria capaz de cumprir a decisão - mas estaria agindo de forma contrária ao desejo de não devolver. Essa é a marca da pessoa continente: lutar contra os desejos para conseguir fazer a coisa certa. Com os tipos incontinente e vicioso de caráter, as coisas pioram. A pessoa incontinente é capaz de tomar a decisão certa, mas tem a vontade fraca. No caso da carteira, e supondo que Bart seja o tipo de caráter incontinente de que falamos, ele sucumbiria ao desejo de ficar com a carteira e não agir corretamente, embora saiba que é errado não entregá-la ao dono.

Com a pessoa viciosa, não há luta entre os desejos nem vontade fraca. O motivo disso, porém, é que a decisão da pessoa viciosa é moralmente errada, e seus desejos cooperam plenamente com ela. Se Nelson fosse vicioso, ele resolveria ficar com o dinheiro (e jogar fora o resto da carteira, ou devolvê-la e mentir sobre o que encontrou nela), desejaria fazer isso e agiria de acordo com o desejo.

Observemos melhor o que constitui um caráter virtuoso. Uma pessoa virtuosa é aquela que tem e exerce virtudes. Essas virtudes, aliás, são estados (ou características) de caráter que dispõem seu detentor a agir da forma correta e reagir emocionalmente da mesma maneira. Diante disso, vemos por que Aristóteles insistia em que as virtudes são estados de caráter que concernem tanto à ação quanto ao sentimento (Ética, livro II, especialmente I106b15-35).

Por exemplo, se alguém tem a virtude da benevolência, estará disposto a ser caridoso com as pessoas certas nas circunstâncias certas. Ele não daria dinheiro a qualquer um que lhe pedisse. O indivíduo virtuoso deve perceber que seu beneficiário necessita realmente do dinheiro, e que o usará corretamente. Além disso, a reação emocional da pessoa virtuosa é apropriada à situação. Isso significa que a pessoa benevolente em nosso exemplo daria o dinheiro de bom grado, sem se lamentar, e sua motivação seria a necessidade do beneficiário. Em contrapartida, uma pessoa continente não abre mão facilmente do dinheiro, não porque precise dele e não possa partilhar, mas porque é predisposta à ganância ou superestima o quanto pode necessitar do dinheiro no futuro.

\*Irwin, Willian et alli. Os Simpsons e a filosofia. SP. Madras, 2004, pag 20